

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo Comum – Ano C

16jan2022

Isaías 62,1-5; Salmo 36,6-11; 1 Coríntios 12,1-11

S. João 2,1-11

¹No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava lá. ²Jesus e os seus discípulos também foram convidados. ³A certa altura da boda faltou o vinho. Então a mãe de Jesus disse-lhe: «Já não têm vinho!» ⁴Jesus respondeu: «E que temos tu e eu a ver com isso, mulher? A minha hora ainda não chegou.»

⁵Ela então disse aos criados de mesa: «Façam tudo o que ele vos disser.» ⁶Havia ali seis vasilhas de pedra das que os judeus utilizavam para as suas cerimónias de purificação. Cada uma levava uns cem litros de água. ⁷Jesus mandou aos criados: «Encham de água essas vasilhas.» Eles encheram-nas até acima. ⁸Depois disse-lhes: «Tirem agora um pouco e levem ao mestre-de-cerimónias para ele provar» Eles assim fizeram. ⁹O mestre-de-cerimónias provou a água transformada em vinho. Não sabia o que tinha acontecido, pois só os criados é que estavam ao corrente do facto. Mandou então chamar o noivo ¹⁰e observou-lhe: «É costume nas bodas servir primeiro o vinho melhor e só depois de os convidados terem bebido bem é que se serve o menos bom. Mas tu guardaste o melhor até agora!»

¹¹Deste modo, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais. Assim manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele.

¹²Depois disto, Jesus desceu até Cafarnaum, com a sua mãe, os seus irmãos e os discípulos, e ficaram lá alguns dias.

1. Logo no princípio do seu Evangelho S. João apresenta-nos a história das Bodas de Caná que não tem referência em qualquer dos outros três Evangelhos. Será que aconteceu realmente ou com ele pretende-se apenas chamar a atenção dos leitores para algo mais para lá do que a mera narrativa dos seus pormenores?

Na Introdução aquele Evangelho da Bíblia de Jerusalém pode ler-se: “A conceção da história, que o quarto evangelho supõe, difere profundamente da ideia que dela faz o historiador moderno. O que antes de tudo interessa ao evangelista é manifestar um sentido da uma história, que é tão divina quanto humana, que acontece no tempo, mas tem as suas raízes na eternidade. (...) Para isso, o evangelista fez uma seleção, escolhendo especialmente os factos que a seu ver podiam ostentar um valor simbólico, que lhes dava assim uma profundidade e ressonâncias novas. Os milagres narrados são “sinais” que revelam a glória de Cristo e simbolizam os dons que ele traz ao mundo (nova purificação, pão vivo, luz, vida)”. Daqui facilmente se depreende que em João “não se deve contrapor simbolismo e história: esse simbolismo é o dos próprios factos, brota da história, nela está enraizado, expressa seu sentido e só com essa condição tem valor para a testemunha privilegiada do Verbo feito carne.” Parece, portanto, que a leitura do Evangelho de hoje nos pede alguma reflexão para o abordarmos procurando descobrir em cada pormenor o simbolismo que nos ajude, no fim, a perceber o sentido da história toda.

2. Vejamos os pormenores.

Uma boda para a qual Jesus, Sua mãe e Seus discípulos foram convidados. Uma ocasião festiva e alegre a fazer lembrar os profetas que tantas vezes compararam o amor de Deus pelo povo de Israel com o amor dos esposos. Na presença de Jesus naquela boda há quem “veja”, de modo enfático, um sinal de bênção do casamento cristão entre um homem e uma mulher. Ora, doutro modo, o que sobressai é a “boda” como símbolo de uma nova ambiência de relação entre Deus e os homens.

Maria, a quem S. João nunca chama pelo nome, tão só por “a mãe de Jesus”, neste Evangelho, está presente no primeiro milagre de Jesus, que revela a Sua glória, e, também, na cruz, na hora da Sua morte (S. João 19, 25-27).

O vinho acabou. Maria diz-lhe *“Já não têm vinho!”*. Juntando a esta a palavra de Maria aos criados *“Façam tudo o que ele vos disser”*, há quem interprete tais palavras de Maria como sinal da sua ação mediadora entre Deus e os homens, o que é uma inferência excessiva, até pela indicação de S. Paulo: *“há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”* (I Timóteo 2, 5).

As talhas usadas para a purificação ritual são cheias de água fresca e abundante que vai ser transformada em vinho. E este verificou-se ser melhor do que o primeiro já bebido. Jesus usa as talhas das purificações rituais para dar-lhes uma outra função: conter a água que se tornará em vinho. Ou seja, é manifesto o propósito de se afirmar que com Jesus acabaram os ritos de purificação (o modo de definir o que é ‘bom’ e ‘mau’). E o vinho que daí decorre, melhor do que o primeiro que foi servido, permite-nos perceber que em Jesus a religião ganha cor, alegria e felicidade, as características da ambiência da boda.

A satisfação do mestre-de-cerimónias pela melhor qualidade do vinho explicita a felicidade que Deus trouxe ao mundo em Jesus.

3. Em suma, o que este episódio nos relata é o anúncio da glória de Jesus. É que com Jesus foise o dualismo da ‘pureza’ e da ‘impureza’, nas relações entre as pessoas e destas com Deus, e relevou-se o sentido da felicidade partilhada que advém do excesso da bondade e da ternura sem limites. Também, com Jesus o vinho não só é bom como é novo. NEle irrompe a novidade, tanto na afirmação do Seu corpo como templo novo e nos Seus milagres como sinais de vida nova, como na exortação à necessidade de nascer de “novo”, dum culto “novo” em espírito e verdade e da prática dum mandamento “novo”.

O Evangelho de hoje interpela-nos perguntando: apercebemo-nos da “novidade” que está em Cristo, a nossa fé nEle sabe a vinho novo e bom? Anotemos que Jesus *“Assim manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele”*.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana